ISSN: 2358-8829

DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NO MARAJÓ: VIOLÊNCIA, DESIGUALDADE DE GÊNERO E NEGAÇÕES DE DIREITOS

Geovana Sousa Neves Pena [1]
Eliane Miranda Costa [2]

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres são questões sociais que atravessam diferentes dimensões da vida, influenciando suas relações familiares, oportunidades de participação nos espaços públicos e acesso à educação. Conforme discute Saffioti (2004), a violência contra as mulheres está relacionada às estruturas patriarcais e às relações de poder construídas socialmente, que contribuem para a manutenção das desigualdades entre homens e mulheres. Essas desigualdades não se manifestam de maneira isolada, pois estão relacionadas a construções sociais e históricas que atribuem às mulheres determinadas responsabilidades e posições na sociedade, contribuindo para a manutenção de situações de discriminação e desigualdade.

No contexto amazônico marajoara, essas questões precisam ser compreendidas considerando também as particularidades territoriais e sociais da região. Em Breves, município localizado no arquipélago do Marajó, as condições de acesso à educação e aos serviços públicos podem representar desafios específicos para as mulheres, especialmente aquelas que vivem em comunidades rurais e ribeirinhas. As dificuldades de deslocamento, a divisão desigual das responsabilidades domésticas e de cuidado, as experiências de violência e as limitações de oportunidades integram os desafios enfrentados por essas mulheres e se expressam em suas trajetórias educativas, desde o ingresso na escola até a continuidade dos estudos e o acesso a outros níveis de formação.

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, geovanapena03@gmail.com;
[2] Professora orientadora: Doutora em Antropologia, Docente da Facudade de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Educação – UFPA, elianec@ufpa.br.

ISSN: 2358-8829

A educação, nesse cenário, assume importância para além da escolarização, pois também representa uma possibilidade de ampliação da autonomia e de enfrentamento das situações de dependência e desigualdade. Entretanto, o ingresso e a permanência nos espaços educativos não dependem apenas da vontade individual, uma vez que as condições sociais, econômicas, familiares e territoriais também interferem nesses percursos. Assim, compreender as experiências das mulheres marajoaras permite observar como as desigualdades de gênero se relacionam com suas oportunidades educacionais e as estratégias que constroem para enfrentar os obstáculos presentes em suas trajetórias.

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), a partir do plano de trabalho intitulado "Os desafios da mulher no Marajó para enfrentar a violência e a desigualdade de gênero no espaço público e privado". Considerando o recorte temático proposto para este estudo, a discussão volta-se especialmente às relações entre violência, desigualdade de gênero e percursos educativos das mulheres participantes da pesquisa.

Diante dessas questões, este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: quais desafios marcam as trajetórias de mulheres marajoaras diante da violência e da desigualdade de gênero e como esses fenômenos incidem sobre seus percursos educativos? O objetivo é analisar os desafios enfrentados por mulheres no Marajó em relação à violência e à desigualdade de gênero e suas implicações na formação e na carreira profissional. Neste artigo, a análise concentra-se nas experiências educativas das mulheres de Breves, buscando compreender as relações entre gênero, território e educação.

Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e articula levantamento bibliográfico e documental com narrativas orais, fundamentadas na História Oral Temática. Foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com mulheres que compartilharam experiências relacionadas às suas trajetórias pessoais, educativas e profissionais. Para este trabalho, foram selecionadas narrativas que apresentam maior aproximação com o objetivo proposto, considerando a contribuição das experiências relatadas para a discussão sobre desigualdade de gênero, acesso e permanência na educação e continuidade dos estudos. O material foi examinado por meio da análise de conteúdo, buscando identificar aspectos recorrentes e particularidades nas experiências das participantes.

ISSN: 2358-8829

As discussões evidenciam que as desigualdades de gênero podem se manifestar desde a infância, por meio da divisão desigual das tarefas domésticas e das expectativas atribuídas às meninas, e continuar presentes nas dificuldades de acesso à escolarização, na conciliação entre responsabilidades familiares e estudos e na continuidade da formação. As narrativas também apontam a educação como uma possibilidade de transformação das condições de vida, construção da autonomia e ampliação das oportunidades das mulheres. Ao mesmo tempo, mostram que alcançar essas possibilidades exige enfrentar obstáculos que não dependem exclusivamente de esforços individuais.

Dessa forma, o trabalho busca contribuir para a compreensão das experiências educativas de mulheres marajoaras, destacando que seus percursos são atravessados por desigualdades sociais e de gênero, mas também por processos de resistência e busca por autonomia. Compreender essas experiências é importante para refletir sobre a necessidade de condições mais igualitárias de acesso e permanência na educação e de políticas públicas que considerem as particularidades das mulheres que vivem no território marajoara.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, por possibilitar a compreensão das experiências, dos significados e das relações sociais presentes nas trajetórias das participantes (Minayo, 2016). O percurso metodológico articulou a História Oral, em sua dimensão Temática, com pesquisas bibliográfica e documental, considerando as memórias e experiências das mulheres como elementos importantes para compreender as questões investigadas (Delgado, 2010).

O estudo foi realizado no município de Breves, localizado no arquipélago do Marajó, Pará. A produção dos dados empíricos ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas (Rizzini *et al,* 1999), com nove mulheres, com idades entre 18 e 85 anos, inseridas em diferentes espaços profissionais e sociais, como gestão pública, legislativo, educação, segurança pública, comércio e serviços. A participação ocorreu de forma voluntária, considerando a disponibilidade e o interesse das interlocutoras. As entrevistas foram realizadas em locais e horários previamente acordados com as participantes.

ISSN: 2358-8829

Para a elaboração deste trabalho, foram selecionados os relatos de 4 entrevistadas, considerando sua relação com o objetivo proposto e a contribuição de suas experiências para a discussão sobre violência, desigualdade de gênero e percursos educativos. Essa delimitação permitiu direcionar a análise às narrativas que apresentam elementos mais diretamente relacionados ao recorte temático do artigo, sem desconsiderar o conjunto mais amplo de entrevistas produzido pela pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos, antes da realização das entrevistas, as participantes receberam esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e seus possíveis riscos, formalizando sua concordância por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A identidade das interlocutoras foi preservada na apresentação e discussão dos relatos, mediante a utilização de identificações que não permitem seu reconhecimento.

A pesquisa documental compreendeu o levantamento de legislações e dados estatísticos sobre a violência contra as mulheres no contexto marajoara, disponibilizados por órgãos responsáveis. Além disso, a pesquisa bibliográfica contribuiu para a fundamentação das discussões. As informações obtidas nas diferentes fontes foram organizadas e sistematizadas, sendo as narrativas examinadas por meio da análise de conteúdo, com atenção às etapas de categorização e inferência (Bardin, 1977). A partir desse procedimento, foram construídos os eixos de análise que orientam a discussão dos resultados apresentados na seção seguinte.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a desigualdade de gênero parte da compreensão de que os papéis atribuídos às mulheres são construções sociais e históricas. Nesse sentido, Beauvoir (1949) contribui para refletir sobre como a condição feminina é construída socialmente, demonstrando que as mulheres são submetidas a expectativas e normas que influenciam suas escolhas e possibilidades de vida. Essa perspectiva permite compreender como as diferenças de gênero também se manifestam nas oportunidades de acesso à educação e na continuidade dos estudos.

Bourdieu (2002), ao discutir a dominação masculina, contribui para compreender como as desigualdades entre homens e mulheres são reproduzidas nas relações sociais e, muitas vezes, naturalizadas no cotidiano. Essas relações podem ser percebidas na divisão

ISSN: 2358-8829

das responsabilidades domésticas, nas expectativas direcionadas às mulheres e nas limitações impostas à sua autonomia. Tais condições podem interferir diretamente em seus percursos educativos, especialmente quando as responsabilidades familiares dificultam a permanência nos estudos.

Szczyglak (2022) e Santos (2010) contribuem para ampliar a discussão sobre as desigualdades sociais e as experiências de grupos historicamente marginalizados. Suas reflexões permitem compreender como as expectativas sociais atribuídas às mulheres e as desigualdades territoriais podem limitar o acesso a direitos e oportunidades. No contexto marajoara, essas questões ajudam a refletir sobre os obstáculos enfrentados por mulheres, especialmente aquelas que vivem em comunidades rurais e ribeirinhas, para acessar a educação e dar continuidade aos estudos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas das mulheres entrevistadas permitiu identificar diferentes experiências relacionadas ao acesso, à permanência e à continuidade dos estudos no contexto marajoara. Embora cada trajetória apresente particularidades, os relatos evidenciam aspectos que se aproximam, especialmente no que diz respeito às desigualdades de gênero vivenciadas desde a infância, às dificuldades de acesso à educação nas comunidades rurais e ribeirinhas e às responsabilidades familiares que atravessam a formação das mulheres.

A trajetória de uma das entrevistadas, oriunda de uma comunidade ribeirinha de Breves, permite compreender como as desigualdades de gênero estão presentes desde a infância. Ao recordar sua experiência, ela relata tanto a ausência de continuidade das etapas escolares em sua comunidade quanto a divisão das tarefas entre meninas e meninos:

> *Eu nasci lá mesmo, me criei e estudei numa escola ribeirinha. Estudei até a quarta série, que antes era quarta série, e aí, quando passei para a quinta série, que hoje é o sexto ano, não tinha mais lá. Você tinha que vir para a cidade. [...] Nós, as meninas, a gente era muito educada para as coisas da casa. E os meninos, lembro que o papai [...] levava os meninos pra ensinar o trabalho em si, que falava que era de homem né. (Entrevistada 1, 2026).*

ISSN: 2358-8829

A narrativa permite refletir sobre como a divisão das atividades entre homens e mulheres é construída e reproduzida desde as relações familiares. Ainda na infância, meninas e meninos aprendem que devem assumir responsabilidades diferentes: enquanto os meninos eram envolvidos nas atividades realizadas pelo pai, as meninas eram encarregadas dos afazeres domésticos e das tarefas de cuidado. Essa diferenciação não representa apenas uma forma de organizar o cotidiano familiar, mas um processo de aprendizagem de papéis de gênero que estabelece expectativas distintas para cada um. Ao serem repetidas e transmitidas entre gerações, essas práticas contribuem para naturalizar a responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico, como se essa atribuição fizesse parte de sua condição feminina. Essa divisão do cotidiano pode ser compreendida a partir de Bourdieu (2002), ao discutir a reprodução da dominação masculina por meio de práticas e costumes que são incorporados e percebidos como naturais. Nesse contexto, a atribuição do trabalho doméstico às meninas contribui para estabelecer, desde cedo, responsabilidades diferentes entre os gêneros.

Além das desigualdades vivenciadas na infância, a narrativa demonstra como as condições territoriais interferem no acesso à educação. A ausência de continuidade da escolarização na comunidade fez com que a entrevistada precisasse se deslocar para a cidade aos 12 anos. Portanto, continuar os estudos não representou apenas avançar para outra etapa escolar, mas também deixar o convívio familiar e adaptar-se a um novo espaço. Essa experiência permite observar que, para mulheres de comunidades rurais e ribeirinhas, o acesso à educação pode envolver desafios que ultrapassam a existência de uma vaga escolar, incluindo as condições necessárias para permanecer na cidade e dar continuidade à formação.

A discussão também pode ser relacionada ao pensamento abissal de Santos (2010), que evidencia a permanência de formas de exclusão historicamente construídas, responsáveis por estabelecer diferenças no reconhecimento e nas oportunidades concedidas a determinados grupos sociais. No contexto desta pesquisa, essa perspectiva contribui para refletir sobre as desigualdades que atravessam a vida das mulheres marajoaras, especialmente quando as condições territoriais limitam seu acesso a direitos, como a educação. A necessidade de deixar as comunidades de origem para dar continuidade à escolarização evidencia que as oportunidades de formação não estão igualmente distribuídas no território, colocando determinadas mulheres diante de obstáculos adicionais para exercer esse direito.

ISSN: 2358-8829

A relação entre território e escolarização também aparece na experiência de outra participante, que compreendeu a educação como uma possibilidade de alcançar objetivos que, segundo ela, não conseguiria realizar permanecendo no meio rural:

> *Desde muito cedo eu compreendi que a educação poderia transformar a minha vida. Eu tinha sonhos e sabia que, para alcançá-los, precisaria estudar. [...] Eu via que lá no meio rural não conseguiria alcançar meus objetivos e sonhos, então vim para cá em busca de educação e, com certeza, ela transformou e está me levando a lugares que nunca imaginei alcançar. (Entrevistada 2, 2026).*

As duas narrativas evidenciam que a continuidade dos estudos exigiu que as entrevistadas deixassem suas comunidades de origem e se deslocassem para a cidade, diante da ausência de oferta educacional para as etapas seguintes da escolarização. Essa realidade revela como as desigualdades territoriais podem limitar as oportunidades de formação, fazendo com que o acesso à educação dependa não apenas do interesse em estudar, mas também das condições de deslocamento e permanência na área urbana. Assim, a oferta educacional no território constitui um fator importante na construção das trajetórias educativas dessas mulheres.

A experiência da segunda entrevistada também evidencia a educação como possibilidade de transformação da trajetória feminina, permitindo projetar outras formas de inserção social e profissional. Essa perspectiva pode ser relacionada a Szczyglak (2022), ao considerar a importância de questionar os lugares e as expectativas previamente estabelecidos para as mulheres. Nesse sentido, a busca pela educação representa não apenas a continuidade da escolarização, mas também a construção de outras possibilidades de vida, para além das condições inicialmente disponíveis em seu território de origem.

A educação também aparece nas narrativas como possibilidade de autonomia e transformação das condições de vida. Essa relação é apresentada por uma participante que compartilhou a trajetória de sua mãe, marcada pela dependência financeira e pelas dificuldades enfrentadas em uma relação conjugal. Ao recordar essa história, destacou a importância da retomada dos estudos:

> *Minha mãe passou por muitas coisas e a dependência financeira também fazia com que ela permanecesse naquela situação. Depois, ela*

> *conseguiu retomar os estudos pelo supletivo, concluiu e conseguiu uma oportunidade de trabalho. Isso foi importante para que pudesse ter sua independência. (Entrevistada 3, 2026).*

A trajetória apresentada evidencia como a dependência econômica pode limitar as possibilidades de decisão das mulheres e dificultar o rompimento de relações marcadas pela desigualdade. Em determinadas situações, essa condição também pode contribuir para a permanência em relacionamentos nos quais a desigualdade de poder favorece o controle e pode evoluir para situações de violência. Nesse percurso, a retomada dos estudos e a conquista de uma oportunidade de trabalho foram importantes para a construção da independência da mãe da entrevistada. A experiência permite compreender a educação não apenas como obtenção de um certificado, mas também como uma possibilidade de ampliar as condições de participação social e autonomia.

Essa discussão se aproxima das reflexões de Beauvoir (1949), ao compreender que a condição das mulheres é construída em relações sociais e históricas que influenciam suas possibilidades de escolha. A história compartilhada pela entrevistada mostra como as limitações enfrentadas por uma mulher podem atravessar diferentes dimensões de sua vida, mas também como a retomada da escolarização pode participar de processos de transformação. Entretanto, essa possibilidade não está igualmente disponível para todas, especialmente diante das dificuldades financeiras, das responsabilidades familiares e das limitações de acesso às instituições de ensino.

Os desafios relacionados à educação não terminam com o ingresso na escola ou na universidade. A permanência e a continuidade da formação também são atravessadas pelas responsabilidades familiares e pela divisão do trabalho doméstico. Essa questão aparece na trajetória de uma participante que concluiu a graduação e ingressou no mestrado. Ao falar sobre as dificuldades de conciliar a formação com a maternidade e as tarefas domésticas, afirmou:

> *Agora foi muito puxado por causa da questão do mestrado. Muito puxado mesmo, porque meu filho tem só seis anos, então ele ainda quer muito a presença da gente, da mãe. [...] Eu confesso que cheguei a sentir desejo de parar, porque teve uma fase que foi bem complicada. [...] Tem coisas na casa da gente que é só a gente, é só a mulher para organizar isso, organizar aquilo. E, se não sair organizado, o marido vem cobrar porque não foi organizado, porque a gente não conseguiu. (Entrevistada 4, 2026).*

ISSN: 2358-8829

A experiência evidencia que a permanência na educação superior envolve condições que ultrapassam o desempenho acadêmico. Mesmo após concluir a graduação, a entrevistada encontrou dificuldades para dar continuidade à formação diante das exigências do mestrado e das responsabilidades com os filhos e a casa. O desejo de interromper os estudos, mencionado em sua fala, revela o peso que essa conciliação pode representar para as mulheres.

A divisão desigual do trabalho doméstico, identificada também na narrativa da primeira entrevistada, ajuda a compreender essa realidade. Enquanto na infância as tarefas da casa já eram atribuídas às meninas, na vida adulta essas responsabilidades continuam presentes e podem interferir no tempo disponível para a formação. Quando o cuidado com os filhos e a organização doméstica permanecem concentrados nas mulheres, a continuidade dos estudos passa a depender da capacidade de conciliar diferentes obrigações, nem sempre compartilhadas com outros membros da família. A partir de Bourdieu (2002), essa organização pode ser compreendida como parte de relações de dominação que se reproduzem no cotidiano e contribuem para naturalizar a atribuição dessas responsabilidades às mulheres.

As narrativas analisadas mostram que os percursos educativos das mulheres marajoaras são atravessados por experiências distintas, mas relacionadas às condições de gênero, território e organização familiar. A necessidade de deixar a comunidade para continuar os estudos, as responsabilidades domésticas atribuídas desde a infância, a educação como possibilidade de autonomia e as dificuldades de conciliar formação e maternidade demonstram que o acesso e a permanência na educação não dependem exclusivamente da vontade individual. As condições sociais, econômicas e territoriais também interferem nas oportunidades de estudar e continuar estudando. Desse modo, compreender essas trajetórias permite reconhecer tanto os obstáculos enfrentados pelas mulheres quanto as estratégias que constroem para ampliar suas possibilidades de formação e autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu analisar os desafios enfrentados pelas mulheres no Marajó em relação à violência e à desigualdade de gênero, considerando suas implicações nos

ISSN: 2358-8829

percursos educativos. A partir das narrativas das entrevistadas, foi possível compreender que as trajetórias de formação são atravessadas por condições sociais, territoriais e familiares que influenciam tanto o acesso quanto a permanência na educação.

Os relatos evidenciaram que as desigualdades de gênero estão presentes desde a infância, especialmente na divisão das responsabilidades entre meninas e meninos no ambiente familiar. Essa realidade demonstra como determinadas atribuições são ensinadas e reproduzidas ao longo das gerações, fazendo com que as mulheres assumam, desde cedo, responsabilidades relacionadas ao trabalho doméstico e ao cuidado. Na vida adulta, essas obrigações podem continuar interferindo em suas possibilidades de formação, como observado na experiência da entrevistada que enfrentou dificuldades para conciliar o mestrado, a maternidade e a organização da casa.

Outro aspecto identificado diz respeito às condições territoriais de acesso à educação. As experiências das entrevistadas oriundas de comunidades rurais e ribeirinhas demonstraram que a ausência de continuidade da oferta escolar em seus locais de origem fez com que precisassem se deslocar para a cidade para prosseguir os estudos. Nesse sentido, o acesso à educação não depende exclusivamente do interesse individual, mas também das condições oferecidas pelo território e das possibilidades de deslocamento e permanência na área urbana.

As narrativas também permitiram compreender a educação como uma possibilidade de transformação das condições de vida e de construção da autonomia feminina. Entretanto, esse processo não ocorre sem dificuldades, especialmente quando as mulheres enfrentam dependência financeira, responsabilidades familiares e relações marcadas pela desigualdade de poder.

Dessa forma, os resultados mostram que as trajetórias educativas das mulheres marajoaras não podem ser compreendidas de maneira isolada das relações de gênero e das condições sociais e territoriais em que estão inseridas. As experiências analisadas revelam obstáculos que ultrapassam o espaço escolar e acadêmico, mas também demonstram as estratégias construídas pelas mulheres para continuar estudando, conquistar oportunidades e ampliar sua autonomia.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre educação, gênero e desigualdade social na Amazônia Marajoara, especialmente no que se refere às condições de acesso e permanência das mulheres nos diferentes níveis de ensino. Considera-se importante que novas pesquisas aprofundem essas questões, contemplando

outras comunidades rurais e ribeirinhas, diferentes gerações de mulheres e as políticas públicas voltadas à educação, ao enfrentamento da violência e à garantia de direitos. Assim, compreender essas trajetórias também significa reconhecer a necessidade de condições mais igualitárias para que as mulheres possam construir seus projetos de vida e dar continuidade à sua formação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo:** Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DELGADO, L. de A. N. **A história oral**: memória, tempo, identidades. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. pp: 9-28.

RIZZINI, I; CASTRO, M. R de; SARTOR, C. S. D. **Pesquisando***:* guia de metodologias de pesquisa para programas sociais**.** Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 1999.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventuara de Sousa.; MENESES, M. P. (org.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez Editora , 2010, pp. 31-83.

SZCZYGLAK, G. **Subversivas**: a arte sutil de nunca fazer o que esperam de nós. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Cultrix, 2022.